

CRÔNICAS DE PAIXÃO, HUMILDADE E MORTE

Mônica Gomes da Silva (UFF)
monicagomessilva@yahoo.com.br

O presente trabalho busca estabelecer uma comparação entre dois cronistas latino-americanos, o brasileiro Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho (1886-1968) e o argentino Roberto Godofredo Christophersen Arlt (1900-1942), no que diz respeito à percepção da mudança fisionômica das cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, assim como o olhar para os setores marginalizados pelo crescimento econômico vivido nestes dois grandes centros urbanos.

Foram utilizadas do escritor brasileiro algumas crônicas das obras *Crônicas da Província do Brasil* (1937), *Flauta de Papel* (1957) e *Andorinha*, *Andorinha* (1966) presentes na seleção de Salete de Almeida Cara (1981); do escritor argentino utilizaram-se as edições de Losada (2005) e Reysa (2008) de suas *Aguafuertes porteñas*, iniciadas em 1928 e produzidas até o fim da vida do cronista.

É interessante notar o papel ocupado por essas obras dentro da produção dos artistas e relacioná-las à efemeridade do gênero crônica, que traz consigo as marcas da contingência de seu modo de produção, registro do tempo presente, entre a notícia e a literatura em um suporte que perece ao fim do dia.

As crônicas de Manuel Bandeira foram, por longo tempo, consideradas uma obra menor diante de sua produção poética e “relegadas a um segundo plano pelo próprio autor” (ANAN, 2007, p. 7), tanto que os textos remanescentes não são fruto de uma coleta sistemática de sua vasta produção para os jornais. O registro precário foi marcado pela necessidade de subsistência do artista que não guardou cópia dos escritos, enviando os originais diretamente aos editores (ANAN, 2007, p. 8). No entanto, a instantaneidade do gênero e das condições de produção não impediu que os textos estabelecessem um diálogo profícuo com sua obra poética e se apresentem permeados pelo lirismo prospectivo das memórias de infância e da elevação de temas cotidianos como nos seus melhores poemas.

Dúvidas e estranhamento também marcaram a recepção das *Aguafuertes Porteñas* de Roberto Arlt. Elas surgem em consonância ao projeto de uma publicação jornalística que fosse mais acessível ao público, tanto

em nível financeiro, quanto na incorporação do novo ritmo de vida atravessado pelas inovações técnicas. Trata-se da reelaboração proposta pelo periódico *El Mundo* (1928) que sai às ruas de Buenos Aires e volta para a redação com os movimentos e dicções dos bairros portenhos. O formato inovador do jornal que poderia ser lido no bonde, por exemplo, está bem distante de uma imprensa mais tradicional no formato e na composição textual (SAÍTTA, 2005, p. I). Por longo tempo, convencionou-se não incluir suas crônicas como literatura, mas como breves notas de costumes, tanto que a reedição de sua obra só ocorre em 1981, quando o famoso escritor Julio Cortázar pleiteia a importância de Roberto Arlt como fundador da “narrativa humana del Río de la Plata”.

Tanto no Brasil, quanto na Argentina, a inovação trazida pela linguagem da crônica em sua intrínseca relação com as situações prosaicas suscitou dúvidas quanto à validade do texto como obra literária. Por conseguinte, houve reflexos desse questionamento na leitura das crônicas desses dois artistas, acrescentando-se o fato de que ambos discutem a necessidade de renovação das letras pátrias a partir da modificação da linguagem empregada nos textos literários.

Ao defenderem uma escrita que abandonasse o excesso de rebuscamento formal, a produção dos escritores foi posta em xeque devido à recusa ao padrão cultural beletrista. Esta recusa aparece de forma bem-humorada em crônica de Manuel Bandeira:

O brasileiro da geração que fez a República era um sujeito que usava fraque e gostava de discursos. A mania do fraque passou, mas o gosto do discurso persiste, apesar da campanha de ridículo da nova geração de jogadores de *box*, *foot-ball*, versos livre e outros esportes estrangeirados.

Todavia não há motivo para desesperar. Houve alguma melhora, sensível em raros sinais que não terão escapado ao observador arguto. Por exemplo: o voluntário silêncio que se impuseram as vocações oratórias da geração que anda agora beirando os quarenta. O senhor Edmundo Luz Pinto é uma dessas vocações. Em outros tempos teria o renome de um grande orador. No entanto vive caladinho. Prefere fazer carreira por outras qualidades mais frias da inteligência. Assim os outros. (BANDEIRA, 1981, p. 27).

A crônica *El idioma de los argentinos* versa sobre a acusação da impureza do idioma argentino, ora carregado de termos *gauchos*, ora pejado de termos do *lunfardo*, necessitando de urgente “depuração”. Roberto Arlt expressa um ponto de vista semelhante ao de Manuel Bandeira ao apontar a inevitável mudança da língua e literatura pelo influxo de novas técnicas e modas estrangeiras, além de criticar a recusa acadêmica às inovações de ordem popular, apontando a esterilidade desta postura. Para

o escritor, a língua de mescla expressava a diversidade cultural do país em constante mudança. Inclusive a comparação com o boxe aparece em ambos os textos como sinônimo de agilidade e versatilidade da vida moderna. Da mesma forma, a indumentária antiga é o símbolo desta elite letrada ultrapassada:

Tenemos un escritor aquí – no recuerdo el nombre – que escribe un purísimo castellano y para decir que un señor se comió un sandwich, operación sencilla, agradable y nutritiva, tuvo que emplear todas estas palabras: “y llevó a su boca un emparedado de jamón.” No me haga reír, ¿quiere? Esos valores, a los que usted se refiere, insisto: no los lee ni la familia. Son señores de cuello palomita, voz gruesa, que esgrimen la gramática como un bastón, y su erudición como un escudo contra las bellezas que adornan la tierra. Señores que escriben libros de texto, que los alumnos se apresuran a olvidar en cuanto dejaron las aulas, en las que se les obliga a expresarse los sesos estudiando la diferencia que hay entre un tiempo perfecto y otro pluscuamperfecto. Estos caballeros forman una colección pavorosa de “engrupidos” – ¿me permite la palabreja? – que cuando se dejan retratar, para aparecer en un diario, tienen el buen cuidado de colocarse al lado de una pila de libros, para que se compruebe de visu que los libros que escribieron suman una altura mayor de la que miden sus cuerpos. (ARLT, 2008, p. 92).

A dúvida imposta ao estatuto dos textos de Manuel Bandeira e Roberto Arlt já seria, por si só, um ponto de contato importante. Além dele, pode-se elencar o momento de produção das crônicas. Embora o arco temporal contemplado por Manuel Bandeira seja mais extenso, o fato não impede de instaurar as semelhanças decorrentes do choque na sensibilidade dos dois cronistas diante das modificações radicais das duas cidades atravessadas por turbulências pelo endurecimento da situação política e social na década de 1930. Destaca-se, aqui, o comentário da crítica Sílvia Saítta acerca das mudanças na capital da Argentina que também podem ser associadas às alterações que ocorrem na capital brasileira:

La crisis de treinta desencadena en la ciudad cambios intensos y variados: cesantías en la administración pública y las actividades privadas o la emigración da la ciudad de numerosos sectores rurales que provocan una explosión urbana que modifica la fisionomía de Buenos Aires. (SAÍTTA, 2005, p. XI).

Para entender tais mudanças, este trabalho parte dos estudos de José Luis Romero (2004) e Davi Arrigucci Jr. (2009) como fundamento teórico. Do historiador argentino, buscou-se o contexto principal de produção dos cronistas com o aceleração das modificações sociais, urbanísticas e econômicas das duas metrópoles. Romero define a década de 1930 como “auge da mentalidade burguesa”, ou seja, de legitimação do jogo arrivista de ascensão social que coroava aqueles que o venciam e devotava profundo desprezo aos derrotados da refrega por *status*:

A cidade, o centro das decisões anônimas, convertia-se em um monstro cada vez mais odiado e cada vez mais inacessível: quem se rebelava contra ela estava destinado a lutar com uma sombra. (ROMERO, 2004, p. 334).

Cabe ressaltar o crescimento do jornal devido à ampliação do público leitor. Uma nova sociabilidade é instaurada, criando, às vezes, de forma bem polêmica, uma opinião pública que intervém em um diálogo tenso com o texto jornalístico, contrapondo-se ao que é noticiado, mas também tendo seu imaginário composto pelas informações veiculadas:

No entanto, o que mais poderosamente atraiu a atenção dos que queriam abandonar as zonas rurais ou as cidades estagnadas foi a metrópole, a grande cidade cuja aura crescia no indefinido comentário de quem sabia algo a seu respeito, e ainda mais através dos meios de comunicação de massa: os jornais e as revistas, o rádio e, em especial, o cinema e a televisão, ao mostrarem ao vivo uma paisagem urbana que suscitava admiração e surpresa. (ROMERO, 2004, p. 360).

Nesse sentido, as crônicas de Roberto Arlt captam intensamente o encantamento e o terror diante das mudanças de Buenos Aires, assim como Manuel Bandeira percorre as dilacerações da paisagem urbana do Rio de Janeiro, numa posição que recorda bastante a nostalgia dos que conheceram as cidades em um ritmo menos frenético e com dimensões mais humanas:

A explosão urbana modificou o perfil das cidades. Queixaram-se disso aqueles que desfrutaram delas antes, aprazíveis e tranquilas, mas sobretudo, com uma infra-estrutura suficiente para o número de habitantes que possuíam. Os invasores as desfiguraram e fizeram delas uns monstros sociais que, além disso, apresentaram, nesta mesma época, as características inumanas que lhes conferiu o desenvolvimento técnico. (ROMERO, 2004, p. 363).

É perceptível esse movimento em crônica sobre a igreja do Outeiro da Glória, na qual Manuel Bandeira começa com a constatação de que o Rio de Janeiro não seguia mais a tradição democrática dos festejos populares:

Esse prazer, que ainda subsiste forte no ambiente mais tradicional das províncias, quase desapareceu na capital do país. São sempre as mesmas festas de igrejas, mas sem aquele pitoresco popular que desenvolvia no adro o movimento ruidoso das romarias.

Hoje no Rio só há duas solenidades religiosas a sustentar a tradição da cidade: a festa da Penha e a festa da Glória. (BANDEIRA, 1981, p. 17).

Em um forte momento retrospectivo, o cronista explica o porquê de se voltar para a festa do Outeiro da Glória. No entanto, é um tom de lamento que sobressai. A igreja foi restaurada, os costumes se modificaram e a festa atual aparece como um pálido eco das festas anteriores:

Tive este ano, particular interesse em visitar a ermida porque sabia que a irmandade levava a efeito grandes obras internas de restauração. Entrei o pórtico receoso, embora tivesse lido nos jornais uma entrevista em que um dos membros daquela irmandade assegurava o repeito que presidira aos trabalhos de restauração. O meu receio infelizmente se confirmou. A pequenina nave, despojada dos seus ouros e das suas argamassas patinadas, perdeu o encanto que lhe vinha da idade. Tudo está novo ou renovado. Baixei os olhos e saí de pressa para guardar nos olhos a imagem das velhas capelinhas e tribunas, como eu as vi até o ano passado. (BANDEIRA, 1981, p. 18-19).

O novo/renovado causa impacto na rotina do cronista, gerando um deslocamento introspectivo através da memória. A cidade buscada se encontra nas lembranças e não no ambiente restaurado. Assim também ocorre no registro sobre a Rua do Ouvidor, em que o cronista se volta para o seu tumulto finissecular, onde conviviam trabalhadores ambulantes e os boêmios literatos dos cafés:

Há de haver muita gente que se lembra ainda da rua do Ouvidor de antigamente... Do agrupamento quase intransitável do canto da rua Gonçalves Dias, onde labregos floristas vendiam cravos e rosas espetados em mamões verdes... Do tumulto do velho Pascoal e do Café do Rio... Da porta de madame Dreyfus, a linda madame Dreyfus muito branca e muito loura, porta de grande significação política porque lá aparecia todas as tardes o senador Rosa e Silva cercado de seus amigos... Perto ficava a Confeitaria Castelões, onde se reunia a boêmia literária do tempo – Bilac, Coelho Neto, Guimarães Passos, Emílio de Meneses, Patrocínio, tantos outros, e mais vivo e mais surpreendente que todos, Paula Ney... Bem mais longe o sirgueiro e alfaiate militar, a cuja porta comparecia todos os dias o derrotado Custódio José de Melo, sempre de jaquetão e cartola, – porque a cartola ainda era coisa de uso quotidiano e o almirante não relaxava... (BANDEIRA, 1981, p. 25-26).

Há uma mudança na escala de valores ao iniciar o processo de massificação dessas cidades e as crônicas de Manuel Bandeira e Roberto Arlt resistem ao achatamento das modificações avassaladoras. A legitimação anterior do arrivismo começa a ser minada por discursos que põem em xeque sua autenticidade decorrente da procura de espaço nessas metrópoles. Paradoxalmente, a cidade é tumulto, monstro, Babel divisora dos homens, mas também exerce fascínio pela profusão de suas técnicas (rádio, cinema e jornal no período em foco) e pelos seus centros atraentes e perturbadores:

O trabalhador vivia em um ambiente urbano, compacto, tentador. De dia, as ruas estavam cheias de gente, e vê-las, apenas, já era um espetáculo; à noite, as ruas iluminavam-se, e os estabelecimentos comerciais, os cinemas, os teatros, os cafés também acendiam seus letreiros; havia onde ir. E nos domingos eram oferecidas diversões populares que reuniam muitas pessoas e nas quais até se podia deixar de lado as repressões cotidianas. (ROMERO, 2004, p. 360).

As *Aguafuertes Porteñas* são comentários que repontam a função primeira da substância química: dar relevo a algo descoberto. As cenas comuns da vida portenha ganham outra dimensão por meio da expressão vigorosa, direta e incisiva presente no sentido metafórico do termo, mostrando a dualidade do espaço urbano dividido entre a atração e a repulsa. Roberto Arlt faz um registro ácido do deslumbramento diante da cidade babélica e luxuosa. Em crônica sobre a Calle Florida, a mais sofisticada de Buenos Aires naquela época, o autor tece observações corrosivas sobre a falta de personalidade de uma rua que reúne todos os estilos e, ao fim, não tem nenhum. Mas é sobre os seus frequentadores que o olhar do cronista se detém, demonstrando a atração inclusive, ou principalmente, daqueles que não podem usufruí-la por completo:

Hay mujeres que van todos los días a Florida. Digo todos los días, porque cada tres meses paso por allí y me encuentro a las mismas paseantes, con los mismos vestidos, la misma mirada, el mismo cansancio, igual paso, semejante rumbo. Grupos de tres, de cuatro, que al que va por primera vez le da la impresión de ser provincianas que están estudiando arquitectura y que para el que las ve todos los días, le dejan en el entendimiento una pregunta flotante: ¿Qué diablos vienen a buscar todos los días estas mocitas a la calle? Porque se explica un día, dos, ¿pero todos los días: invierno, verano, otoño? (ARLT, 2005, p. 33).

Roberto Arlt também lamenta algumas transformações de Buenos Aires. A cidade é comparada a um deserto, um espaço hostil aos problemas do indivíduo. O olhar do cronista se volta para este sujeito abandonado à própria sorte em um meio indiferente, um novo Robinson Crusoe que se depara com situações humilhantes, seja na busca angustiante (e quase sempre infrutífera) de emprego, seja em solicitar favores dos indiferentes vencedores do jogo social. As demolições do centro da capital são associadas às imagens de suas viagens pela África e pela Espanha atingida pela Guerra Civil. Os referentes nos dão conta de uma situação de precariedade, de uma mudança constante numa alegria destrutiva que intriga o cronista:

Nubes de arena en el desierto africano, en el centro de Buenos Aires. Demoliciones en la calle Cangallo. En Carlos Pellegrini. En Sarmiento. Edificios despanzurrados. Castillos de naipes de ladrillo y papel. Falta los reyes de baraja en el lienzo de los muros. La ilusión sería completa. Castillos de naipes y la gama pentatónica de las cinco calidades de martillos. [...]

Divago en este paisaje muy semejante al que debió ofrecer Madrid en los días de la evacuación. Interiores como desconyuntados por explosiones. En ciertos dormitorios la pátina del papel se aclara, deja el calco de muebles que ya no están. Cables colgando entre pingajos de papel. El cascajo dificultando

la vereda y las nubes de arena que el viento solivianta metiéndose por los ojos y la boca. (ARLT, 2005, p. 139)

Assim como Manuel Bandeira, Roberto Arlt retrata a paisagem a partir da sobrevivência de rastros da cidade antiga, na qual sobressai a mistura arquitetônica:

Sin embargo, esta plazuela de Monserrat es tan simpática como esos antiguos grabados en madera donde en un clima ignorado vemos simultáneamente un oso polar y un cocodrilo, un bananero y un alerce. La dinámica de la ciudad ha reunido aquí, en el paisaje, la casa colonial esquinada, la vivienda del arrabal europeo, el eucalipto de la chacra y el rascacielo de la urbes tremendas. Y también el coche destartado y el camión de doble engomado. (ARLT, 2005, p. 147).

É possível notar, através da aproximação destas crônicas, uma contemplação singular para o crescimento das duas metrópoles. Longe de legitimar as mudanças como algo bom *per se*, os autores perscrutam o avesso do progresso, ou seja, as deformações do espaço urbano que, por vezes, se torna incaracterístico. Além disso, dividem percepção similar no que tange às repercussões para as camadas populares, alijadas desse crescimento, constituindo-se como corpo estranho na nova paisagem. Para abordar este tópico, parte-se do segundo estudo teórico norteador desta análise sobre a obra poética de Manuel Bandeira de Davi Arriguicci Jr., inspirador do título deste artigo.

A humildade, a paixão e a morte são temas recorrentes na poesia bandeiriana, mas também configuram um modo de sentir e perceber o mundo e o próximo que pode ser estendido para a obra em prosa e, na proposta deste trabalho, também para o escritor argentino Roberto Arlt. Para o crítico, subsiste em Manuel Bandeira um conceito de literatura no qual

se pode reconhecer uma ética, para a qual o valor mais alto é o que não se mostra ostensivamente. Um sentido político democrático, pois supõe e descobre o valor no dia-a-dia do povo, entre os pobres. (ARRIGUICCI JR., 2009, p. 44).

O reconhecimento do humilde, a atribuição de um traço sublime às situações e personagens menos prestigiados ocorre nas crônicas em meio a um desentranhar do cotidiano por meio de um

Movimento complexo e sutil da experiência, no qual o vivido é recolhido pela memória e retorna iluminado à consciência desperta do sujeito, como objeto de contemplação, ao mesmo tempo que o próprio sujeito se dá a ver na semiobscuridade de um quadro-prosaico, em meio ao fluxo da rotina e dos atos inconscientes de todo dia, numa atmosfera de silêncio e solidão. Forma-se, então, uma imagem súbita do despertar da consciência, momento de reco-

lhimento humilde do vivido, instante de iluminação lírica dentro do cotidiano mais prosaico, recorte de uma emoção recolhida na recordação. (ARRICUCCI JR., 2009, p. 74).

Davi Arrigucci Jr. conceitua essa instância de criação como *alumbramento*, o qual aparece juntamente com a ironia. Eles permitem que a experiência humilde seja elevada, ao mesmo tempo em que impede um excesso sentimental, ampliando e tornando complexa a captação de instantes efêmeros:

No sentimento trágico do inevitável – iniludível –, que condiciona a consciência irônica do sublime encarnado no baixo e traspassa a obra toda, se abre espaço, porém, para o provisório sob a forma do momentâneo do instante de paixão que é o instante de alumbramento. No momento da paixão estão inscritas também a humildade e a morte; com elas, em sua longa vida provisória, o poeta viu repontar, alumbrado, o clarão de poesia. (ARRICUCCI JR., 2009, p. 275)

Em crônica sobre a morte do sambista Sinhô, Manuel Bandeira narra o comportamento do público na despedida de um artista que conseguiu expressar a alma carioca, agradando desde a população das primeiras favelas até a elite do Rio de Janeiro. No texto de Bandeira, há indicação de um abismo separando as classes, própria da configuração de cidade partida que será foco da literatura das décadas seguintes. A comoção diante da morte ocorre em termos distintos do que seria esperado, no protocolo social da cidade, isto é, demonstração de tristeza e austeridade nas cerimônias fúnebres. A crônica, entretanto, presta-se a enaltecer a homenagem dessa população que concebe a morte como uma passagem, não poupando música e cores nesse rito. O sentimento de empatia aliado a uma visada irônica desse instante singular faz com que o texto adquira dimensões mais amplas:

A capelinha branca era muito exígua para conter todos quantos queriam bem ao Sinhô, tudo gente simples, malandros, soldados, marinheiros, donas de *rendez-vous* baratos, meretrizes, *chauffeurs*, macumbeiros (lá estava o velho Oxunã da praça Onze, um preto de dois metros de altura com uma belida num olho), todos os sambistas de fama, os pretinhos dos choros dos botequins das ruas Júlio do Carmo e Benedito Hipólito, mulheres dos morros, baianas de tabuleiro, vendedores de modinhas... Essa gente não se veste toda de preto. O gosto pela cor persiste deliciosamente mesmo na hora do enterro. Há prostitutas em tecido opala-vermelho. Aquele preto, famanaz do pinho, traja uma fatiota clara absolutamente incrível. As flores estão num botequim em frente, prolongamento da câmara ardente. Bebe-se desbragadamente. Um vaivém incessante da capela para o botequim. [...] Não tem ali ninguém para quebrar aquele quadro de costumes cariocas, seguramente o mais genuíno que já se viu na vida da cidade: a dor simples, natural, ingênua de um povo cantor e macumbeiro em torno do corpo de companheiro que durante tantos anos

foi por excelência intérprete de sua alma estoica, sensual, carnavalesca. (BANDEIRA, 1981, p. 20-21).

Nas crônicas *Os que Marcam Rendez-vous com a Morte*, de Manuel Bandeira e *Galpones y Templos*, de Roberto Arlt, a dimensão lírica do instante de alumbramento revela a (com)paixão e concede amplitude existencial a indivíduos marginais na cidade, que reaparece aqui como um espaço misterioso, passagem para uma outra dimensão além das preocupações rotineiras:

Decididamente sou o sujeito mais desprovido daquilo que os espiritistas chamam o senso da mediunidade. Nunca soube distinguir aquele não-sei-quê que assinala os que têm marcado um *rendez-vous* com a morte. [...]

Conheci nos *bars* da Galeria Cruzeiro um boêmio que tinha muita admiração pelos livros de Ribeiro Couto. Quando um dia lhe revelei que era amigo íntimo do poeta, ficou contente como uma criança. E pediu-me que lhe arranjasse um livro com dedicatória de Ribeiro Couto. Couto mandou o livro com a dedicatória, mas na distribuição de outros exemplares houve uma troca e o meu boêmio ficou como o volume sem autógrafa. [...] Uma noite estávamos no *Lamas* quando vi o rapaz ao fundo. [...] O boêmio passou por nós sem nos ver. Não há nisso nada de extraordinário. Mas quando o rapaz passou e eu olhei-o pelas costas, que foi que me fez ficar longo tempo a segui-lo com os olhos? Era um rapaz forte, brigador valente. No entanto naquele instante senti nele qualquer coisa de para lá da vida. De fato morreu um mês depois. (BANDEIRA, 1981, p. 31-32).

Na velocidade dos grandes centros urbanos, entre encontros fortuitos, marcados pela pressa, alguns acompanhados por uma sensação sinistra, de algo que escapa ao domínio do sujeito – inclusive há referência em Roberto Arlt ao conto de Edgar Allan Poe, *O homem da multidão* – os cronistas elegem as figuras do boêmio e do desvalido justamente por propiciarem um deslocamento marginal. A partir das circunstâncias inóspitas enfrentadas por estes indivíduos, abre-se o texto da crônica para uma reflexão mais profunda sobre a vida e a morte. O desafio vivido por estes personagens lança sombras na subjetividade dos cronistas de forma incisiva, traz questionamentos, irmanando-os num mesmo problema existencial:

Recuerdo el caso de un amigo. La miseria lo llevó una noche a uno de esos hoteluchos. Se acostó pero de pronto, en la oscuridad, comenzó a representarse a la caravana de desdichados que por allí habían pasado; encendió un fósforo y miró los muros donde se desprendían lonjas de empapelado descubriendo una capa más antigua de papel floreado; y de pronto, a medida que el tiempo pasaba su angustia crecía de tal forma que vaciló un momento. Luego se vistió y salió para dormir en una plaza. Era preferible el techo de la noche a aquella cerrazón maldita.

Cada hombre, en la noche, lleva un problema. No se desafia impunemente el silencio, la oscuridad y el vacío sin que medien motivos.

De allí, que cada vez que veo una espalda encorvada en las sombras de alta noche, me digo:

– ¿Qué se estará elaborando bajo esa frente? ¿A dónde irá ese hombre con sus pensamientos?

La espalda se arquea aún más; una sombra tapa ese casco de hombre; la luz la ilumina otra vez. Parece... una de aquellas barcas de papel que, cuando éramos chicos, fabricábamos. Las lanzábamos al agua del arroyo y la barca se alejaba; subía, bajaba y luego desaparecía. Entonces, una tristeza entraba en nosotros. (ARLT, 2005, p. 59).

Longe de incorrer numa pieguice literária ou em uma literatura panfletária em defesa dos desfavorecidos, o que observamos nos dois cronistas é uma visão humana e solidária aos problemas que atingem a população abandonada à própria sorte. As crônicas expressam um senso de sublime que elevam a categoria desses sujeitos, construindo uma metafísica do ínfimo, sem que isto signifique evasão da realidade, mas a construção da poeticidade de um cotidiano amargo, mas também belo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAN, Sylvia Tamie. *Crônica da vida inteira. Memórias da infância nas crônicas de Manuel Bandeira*. São Paulo, 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tdc-21052007-161100/pt-br.php>>. Acesso em: 22-05-2013.

ARLT, Roberto. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires vida cotidiana. Seleção, prólogo e notas Sylvia Saítta. 2. ed. Buenos Aires: Losada, 2005.

_____. *Aguafuertes Porteñas*. 3. ed. Buenos Aires: Reysa, 2008.

ARRIGUCCI JÚNIOR, David. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. 304 p.

BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira*. Literatura Comparada. Org. e estudos biográfico, histórico e crítico de Salette Almeida Cara. São Paulo: Abril Educação, 1981.

ROMERO, José Luis. *América Latina: a cidade e as ideias*. Trad.: Bella Josef. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.